

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1136	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	20 de Julho de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India....	5\$000	2\$500	—	—		



O MONUMENTO A JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR
Maqueta do Escultor Costa Mota

CHRONICA OCCIDENTAL

O nosso collega *O Mundo*, está agora fazendo um concurso para se saber qual é a creança mais linda de Portugal. E' uma lembrança muito graciosa, destinada a encher de bem desculpavel vaidade os paes da creança. Ha dias que o entusiasmo d'esse concurso occupa o melhor de duas columnas d'aquelle jornal, e não é este, de certo, o seu lado menos apreciavel... para as instituições, para os partidos da Corôa, para o reverendo Padre Mattos e para os delapidadores do Credito Predial. Sempre são duas columnas a menos com que têm de se aguentar por alguns dias.

Bonita ideia, não ha duvida. Mas não o seria tambem a ideia que alguém tivesse de promover não um só, mas muitos e periodicos concursos

para se apurar vezes a meudo quaes serão as nossas creanças mais robustas, mais bem creadas, mais desinvolvidas nas suas qualidades fisicas pelos cuidados e menos ignorancia dos paes?

Seria talvez este o meio mais pratico, de principio, para estimularmos a puericultura, que é o peor inimigo da pavorosa mortandade infantil e do depauperamento da raça e diminuição da população, que d'ella deriva.

O agricultor que deseja obter plantas sádias e resistentes, não se contenta com os cuidados que lhe merecem as plantas nascidas; vae muito além: prevê, previne, procura obter exemplares nascidos de productores sãos. Do mesmo modo serão mais ou menos proficuos os cuidados dispensados ás creanças, ás recém-nascidas como ás de tenra idade, quanto melhores ou peores tiverem sido as suas condições pre-nativas.

Ainda ha pouco, o quadro tenebroso da estatistica que descreve a nossa mortandade infantil,

mostrava nos, entre outras coisas tragicas, que tendo nascido, só num anno cento e sessenta e oito mil creanças, outras tinham morrido nesse mesmo anno em numero de cento e vinte mil até aos cinco annos de idade; e que só aqui em Lisboa, por cada mil creanças que nascem, duzentas e trinta, pelo menos, vão para os anjinhos!

Se sabimos da capital, e nos aventuramos pelas provincias, vemos que no Minho essa mesma mortandade é de cento e sessenta por mil; em Traz os Montes e Beira Alta, duzentos por mil; e da Beira Alta para a Beira Baixa, o obituario das creanças dá um pulo consideravel, e na Extremadura, Alemtejo, Algarve, ha percentagens verdadeiramente monstruosas de duzentas e setenta a duzentas e oitenta por mil.

Averigua se que a maior parte d'essas desgraçadas creaturinhas morre á mingua de cuidados que, por assim dizer, constituem o *a b c* da hygiene da primeira infancia. Morrem de frio ou de fome, quando as não ceifam a enterite e a tuberculose.

Das causas geraes d'esta lancinante hecatombe, a mais grave é a ignorancia, tara que, no dizer de um criterioso publicista, pesa como uma maldição sobre o povo português. A hygiene da primeira infancia em Portugal é, como se sabe, um tecido de superstições grosseiras. A ignorancia dos homens orça pela das mulheres, e o lar domestico, como celula de uma organização social progressiva, nivela-se, quasi se pôde dizer, com a mais baixa animalidade.

Ao mesmo tempo que se tratasse de ensinar a cuidar fisica e moralmente das creanças, incutir-se-ia no espirito dos adolescentes a obrigação moral que lhes cabe de não contribuir, pela sua imprevidencia ou pelos seus excessos, para a infelicidade d'aquelles que possam no futuro vir a dever-lhes a existencia. Uma só geração não bastará, certamente, para conseguir a deminuição gradual, até á cessão completa da mortandade infantil; mas é possivel pôr ao alcance de todos os paes a felicidade de transmittir aos filhos uma base mais san, melhores condições de viver do que elles, paes, herdaram de seus progenitores. Na obra da hereditariedade, os paes são os operadores, contribuindo ambos para crear a legitima fisica e moral que hão-de legar aos descendentes.

Considerada pelo lado humanitario, a missão que se imporia quem tomasse a sério a iniciativa de um tal progresso para Portugal, não poderia deixar de callar bem fundo em todos os corações bem formados. Assegurando a existencia dos novos seres pequeninos, contribuir-se-ia paralelamente para o augmento da população, o que deve ser constante preocupação das nações ciosas de seu desenvolvimento. A conservação da especie constitue em todos os seres organizados uma natural preocupação.

Filantropos e patriotas poderiam e deveriam dar-se as mãos para auxiliar o desenvolvimento de quantas instituições se creassem com o fim de combater a ignorancia das mães e a mortalidade dos filhos.

Modelo de instituições d'esta indole é, entre nós, a denominada Gota de Leite, fundada pela Associação Protectora da Primeira Infancia, e primeira destinada a lutar contra a excessiva mortalidade das creanças alimentadas pelo aleitamento artificial. O seu fim principal mira á conservação da creança no lar da familia, assegurando-lhe a vigilancia e os carinhos insubstitueis da propria mãe, tornando simultaneamente a esta mais facil o desempenho da sua missão.

Só quem tem observado a vida do povo é que está no caso de bem conhecer as razões de vária ordem que compellem as mães a recusar frequentemente os seios a seus filhos. Se é certo que algumas vezes se explica o facto pela levandade do caracter e pelo capricho, não o é menos que geralmente a causa deve ser attribuida ou a impedimentos de ordem medica ou de ordem social. Haveria verdadeira crueldade e um espirito de hipocrisia em recomendar á mulher do povo o consumo de bom leite, de leite puro, de leite esterilizado, e outras condições accessorias para a alimentação de seus filhos, quando o maior numero d'ellas não encontra no proprio lar a minima commodidade, nem dispõe sequer dos recursos indispensaveis para assegurar uma regular subsistencia áquelles que a cercam. Sabe-se bem que a miseria é o ambiente que envolve o nosso proletario, tanto o urbano como o rural. E como poderia essa mulher conhecer e executar a coordenação entre a composição do alimento e as necessidades da creança e todas as mais exigencias medicas que são de absoluta indispensabilidade no alimento artificial, para que este só fique sujeito ao minimo dos riscos?

A par dos auxilios materiaes da caridade, as mães necessitam igualmente que uma caridade nova as ensine a conquistar as creanças para a vida. O perigo, que ellas desconhecem na quasi totalidade das vezes, é de todos os minutos.

Tem-se dito, redito, e todos os dias se torna a dizer, que em poucos paizes viceja, como no nosso, a divina flôr da caridade; e até a maldizente Princeza Rattazi, a quem ficámos devendo algumas das mais picantes aleivosias que nos têm sido endereçadas por commentadores estranhos, até essa fixou em expressão enternecida o nosso sentimentalismo nacional a favor das creanças de todas as camadas sociaes.

Mas não será justo affirmar que, no respeitante a caridade exercida em beneficio directo e exclusivo da creança, no que a creança portugueza representa como garantia do futuro da raça, a nossa ignorancia e a nossa insensatez são ainda formidaveis?

JOÃO PRUDÊNCIO.



O monumento a Joaquim Antonio de Aguiar

Tivemos ocasião de visitar o *atelier* do bem reputado escultor sr. Costa Mota e vêr ali a maquete do monumento que vai ser levantado, em Coimbra, ao estadista e celebrado liberal Joaquim Antonio de Aguiar, falecido em 1874.

A maquete, representada na nossa gravura, está feita na escala de 10 por 100, devendo o pedestal ter 6 metros e a estatua 3. É muito elegante esse pedestal, em sua decoração, apresentando na face posterior o escudo das armas de Coimbra.

A estatua, que vimos modelada no barro e já bastante adeantada, representa Joaquim Antonio de Aguiar em pé, de sobrecasaca, empunhando na mão esquerda o decreto da abolição das ordens religiosas, em Portugal, e na direita a pena com que se prepara para o assinar. Foi este o ponto escolhido pelo talentoso estatuario para representar o estadista, acaso, o facto que mais notoriedade deu ao grande patriota e liberal, que já em 1810, quando da invasão franceza, se alistava no batalhão academico para defender a independencia da terra portugueza.

Agradou-nos bastante a bela figura que Costa Mota está modelando, para ser fundida em bronze, na fundição de canhões do Arsenal do Exército. Esse trabalho deverá principiar em setembro proximo, data em que o escultor espera ter concluido a sua obra.

O monumento, feito por subscrição publica promovida por uma comissão de conimbricenses, de que é presidente o sr. dr. Bernardino Machado, deverá ser inaugurado daqui a um anno, no antigo largo da Portagem, hoje largo de D. Carlos, logo á entrada de Coimbra.

É uma homenagem prestada pelos conimbricenses ao seu illustre conterraneo, pois que Joaquim Antonio de Aguiar nasceu em Coimbra, no anno de 1792.



A virtude é uma conquista da vontade sobre si mesma.

KANT.

O NOVO MINISTERIO

Não logrou grande vida o ministerio presidido pelo sr. conselheiro Beirão, que subiu ao poder em fins de dezembro do anno passado, não obstante ser um governo sahido da maioria da camara, definidamente progressista, e ter ainda a apoial-o a parte do partido regenerador dirigida pelo sr. conselheiro Campos Henriques, o partido nacionalista de que é chefe o sr. conselheiro dr. Jacinto Candido, e alguns poucos deputados independentes.

Apesar desta maioria, é, porém, certo que a camara se tornou incompativel com o governo, logo de seu principio, e o mais original de tudo é que o governo conservando a maioria, teve de capitular ante as minorias, depois de successivos adiamentos das côrtes, por se tornar impossivel o seu funcionamento, em vista de sessões tumultuosas. Primeiro a questão Hinton e logo a apresentação á camara pelo deputado republicano, sr. dr. Afonso Costa, de umas cartas particulares do sr. Fernando de Serpa ácerca de antigos negocios, e por fim o descalabro do Credito Predial, que se tornou uma questão politica por nelle estar envolvido o chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro, governador daquelle Companhia.

O governo em vista da attitude das minorias deixou de comparecer na camara, e esta ausencia, é claro, fez perder na maioria a força moral para o defender, de que resultou a crise do ministerio que, não podendo adiar mais as côrtes e não lhe concedendo a corôa a dissolução do parlamento, depoz nas mãos de El Rei as suas pastas, em meados de junho.

Não se resolveu facilmente a situação, por isso que o Chefe do Estado, consultou de novo os chefes politicos dos varios partidos ou grupos monarchicos, alguns dos quaes, como os srs. conselheiros Wenceslau de Lima e Sebastião Telles, ainda tentaram organizar governo, mas logo desistiram, e ainda o sr. conselheiro Julio de Vilhena, que se prontificava a constituir ministerio mediante condições a que a corôa não acedeu, encarregando, por fim, El-Rei, ao sr. conselheiro Teixeira de Sousa de formar gabinete, o que este estadista aceitou.

Eis, em resumo, os factos que determinaram a sahida do ministerio progressista presidido pelo sr. conselheiro Beirão, e a subida ao poder do sr. conselheiro Teixeira de Sousa como chefe de uma parte do partido regenerador.

O sr. conselheiro Teixeira de Sousa, formando ministerio, ficou com a presidencia do conselho e pasta do reino; da pasta da justiça encarregou-se o sr. dr. Manuel Fratel; da fazenda o sr. Anselmo de Andrade; dos estrangeiros, o sr. dr. José de Azevedo; das obras publicas, o sr. Pereira dos Santos; da guerra, o sr. general Raposo Botelho; e da marinha o sr. dr. Marnoco de Sousa.

O sr. conselheiro Antonio Teixeira de Sousa é pela primeira vez presidente do conselho e ministro do reino, tendo já sido ministro da marinha, no ministerio organizado em 1900 por Hintze Ribeiro, e depois sob a presidencia do mesmo chefe regenerador, novamente ministro da marinha e por fim da fazenda, em 1906, no ministerio dos 58 dias. O sr. conselheiro Teixeira de Sousa é natural de Celheiros, do districto de Villa Real, onde nasceu a 5 de maio de 1857. Tem o curso da Escola Medica Cirurgica do Porto, onde o concluiu em 1883. A sua entrada na politica data de 1889, eleito pela primeira vez deputado por Alijó e Murça, reeleito successivamente até 1900, em que foi elevado ao pariato. Tem feito sempre brilhante figura no parlamento, e quando ministro da marinha interessou-se bastante pelas colonias, principalmente a de Lourenço Marques, que lhe ficou devendo grandes melhoramentos de obras publicas, e contratou a construção do caminho de ferro do Lobito. Como ministro da fazenda firmou o novo contrato dos tabacos, em 1906, obtendo no mesmo a melhoria para o tesouro de uns 1500 contos. Tendo-se dado a scisão no partido regenerador que seguiu o sr. Campos Henriques, tendo o sr. conselheiro Julio de Vilhena renunciado a chefia desse partido, o sr. conselheiro Teixeira de Sousa foi então eleito para esse logar e nessa qualidade, agora chamado para formar governo, sendo tambem concedida a dissolução do parlamento votada no Conselho de Estado, que reuniu para esse fim.

O sr. ministro da justiça dr. Manuel Fratel, entra pela primeira vez nos conselhos da corôa. É ainda novo. Formado em direito, tem exercido a advocacia e o logar de primeiro official, chefe de

secção da inspecção geral da fazenda do Ultramar. Deputado nas ultimas legislaturas tem sustentado bem seus creditos de parlamentar e sido relator de varios projetos.

O sr. conselheiro dr. Anselmo de Andrade, que ocupa a pasta da fazenda, é um homem de gabinete, entregue a seus estudos financeiros de que publicou um livro *A Terra*, vantajosamente conhecido, assim como o *Portugal economico*, entregando-se tambem a trabalhos de pura literatura, como o livro que intitulou *Viagem em Espanha*. Lavrador abastado e proprietario, conhece praticamente os assuntos tratados nos seus livros scientificos. Em 1900 convidado por Hintze Ribeiro para a pasta da fazenda, aceitou o encargo, mas por pouco tempo. Agora foi tambem chamado por El-Rei para formar ministerio e declinou a missão, aceitando, porém, a pasta da fazenda no novo governo.

O sr. conselheiro dr. José de Azevedo Castello Branco, ministro dos estrangeiros, é tambem pela primeira vez investido nesse alto cargo. Milita desde 1884 no partido regenerador, tendo sido eleito por Valpaços. Foi governador civil da Madeira em 1890, e depois de Lisboa em 1903. Nesse anno foi nomeado ministro plenipotenciario para a China. Era tambem diretor geral da Instrução Publica, e ainda no desempenho da sua missão na China, nomeado bibliotecario-mór do reino.

Tem sido um jornalista tão brilhante como parlamentar, confirmando os creditos que trouxe da Universidade de ser um dos mais talentosos estudantes daquelle tempo. Formou-se em medicina e foi cirurgião militar.

Nasceu a 5 de outubro de 1852, na freguezia de S. Martinho, do conselho de Villa Real, e é sobrinho de um vulto importante das letras patrias, Camilo Castello Branco, por parte de sua mãe, irmã do grande escritor.

O novo ministro da guerra, sr. general José Nicolau Raposo Botelho, é a primeira vez que aceita este cargo. O seu nome é vantajosamente conhecido no exercito por suas obras e escritos na *Revista Militar*, principalmente. Tem publicado *Historia Militar de Portugal*; *Manual do Tiro*; *Guia do Atirador* e *Compendio das Escolas Regimentaes*. É tanto official superior da fileira, em que serviu durante vinte e cinco annos, chegando a comandar o regimento de caçadores 2, como official de gabinete, onde foi chefe da 1.ª e 2.ª repartição do ministerio da guerra. Lente tambem da Escola do Exercito, achava-se atualmente dirigindo o Real Colegio Militar e fazendo parte do Conselho de Defesa Nacional. Representou Portugal na conferencia internacional para a revisão da convenção de Genebra, em 1906. Tem viajado muito pelo estrangeiro, e estudado as instituições militares e educação dos exercitos. A sua direcção no Real Colegio Militar tem sido assinalada por importantes reformas, tanto na administração como no ensino, provando seus conhecimentos administrativos e boa orientação pedagogica. É um dos generaes mais novos do nosso exercito, pois conta 60 annos.

O sr. conselheiro José Gonçalves Pereira dos Santos, é encarregado agora da pasta das obras publicas pela terceira vez, tendo sido ministro desta pasta em 1900 e 1906, sempre sob a presidencia de Hintze Ribeiro. Capitão da arma de engenharia dos mais distintos, é tambem lente da Escola do Exercito e do Instituto Industrial. Tem seu nome ligado a varios trabalhos de engenharia, tendo sido relator do projeto das obras do porto de Lisboa, e tomado parte importante na discussão sobre os caminhos de ferro de Lisboa a Torres e da Figueira por Alfarellos, como deputado que é desde 1881, pela Figueira da Foz, terra de sua naturalidade, onde nasceu a 26 de dezembro de 1855. No parlamento tem sido o *leader* do partido regenerador desde 1905.

O novo ministro da marinha, sr. dr. José Ferreira Marnoco de Sousa, entra pela primeira vez nos conselhos da corôa. Lente catedratico da Universidade de Coimbra e vogal do Conselho Superior de Instrução Publica, é altamente considerado pelos seus trabalhos sobre direito e por seu caracter. Tem publicado: *Dissertações*; *Sintheses financeiras*, Coimbra, 1893; *Impedimentos do casamento no direito portuguez*, Coimbra, 1896; *Das letras no direito comercial portuguez* (dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na Faculdade de Direito), Coimbra, 1897; *Execução extraterritorial das sentenças civis e commerciaes*, Coimbra, 1898. Lições: *Lições de direito politico*, Coimbra, 1900; *Sciencia economica*, Coimbra, 1901 a 1905; *Historia das instituições de direito romano peninsular e portuguez*, Coimbra, 1904; *Administração colonial*, Coimbra, 1905; *Polemica: O curso do notariado e o sr. Martins de Carvalho*, Coimbra, 1900: Artigos

nos *Estudos Jurídicos: A reincidência do direito penal português; Regimen legal das associações de caracter religioso; Applicações aos cheques das disposições respectivas a letras; As questões prejudiciaes no processo penal; A legitima defesa no direito penal português*. Relatório publicado no *Boletim da Direcção geral de Instrução Publica: A reforma de instrução secundaria e os seus resultados*. Como refundição da sua dissertação inaugural, logo esgotada, publicou a obra intitulada *Das letras, livranças e cheques*, dois volumes, Coimbra, 1905 e 1906.

E' natural de Souzella, e doutorou-se em 1897, principiando a publicar os seus trabalhos literarios ainda em estudante, aproveitando bem seu tempo e seu talento, o que não deixa de ser uma garantia para o desempenho do alto cargo em que foi agora investido.

Não é facil precisar bem, por ora, se a feição deste governo é conservadora, liberal ou radical, entretanto o programa apresentado em tempo pelo seu chefe, é de largas vistas politicas, financeiras e administrativas, que poderiam realizar reformas mais ou menos em harmonia com os tempos e as aspirações da nação.

Mas, infelizmente, os programas politicos, não teem passado até hoje de lindos discursos, trazendo ao país o desalento por não os ver cumpridos.

O cumprimento desses programas não depende só da vontade de quem os apresenta, mas de mil circumstancias, mais ou menos imprevisas, que muita vez os inutilizam.

As paixões partidarias, a instabilidade dos governos, as finanças publicas refletidas no tesouro, as tradições, os hábitos e indole dos povos, etc., são outros tantos motivos de immediata influencia na execução das reformas.

No actual momento historico, as dificuldades são ainda maiores e não se diga ou pense que só nos referimos ao nosso país; essas dificuldades levantam-se por toda a parte. Não é preciso historiar o que se está passando noutras nações; todos o sabem, todos o vêem, é uma questão aberta e quasi geral. Os povos querem mais liberdade, querem mais egualdade de direitos e de interesses, que lhes garantam comodidades a que a maioria ainda não pode chegar; o momento é decisivo para que a onda não cresça e subverta tudo.

E' o que se vê pelo mundo, é o que principia a ver-se em nossa casa.

De enorme responsabilidade é hoje para qualquer governo arcar com este estado de cousas e conciliar as paixões, os interesses que neste momento se debatem. Quanta prudencia, quanto tino, e quanto civismo são precisos para levar a bom caminho esta sociedade desorientada.

Terá o actual governo essas qualidades e a boa fortuna de conseguir tranquilisar o país?

E' o que todos os portugueses devem desejar.

CAETANO ALBERTO.

Os quadros de S. Vicente

O OCCIDENTE não pôde deixar de se referir a este notavel acontecimento artistico do anno, qual o da restauração dos painéis de S. Vicente, levada optimamente a effeito pelo professor da Academia de Bellas Artes sr. Luciano Freire, nosso antigo collaborador; trabalho este que mereceu ao artista, não só dos entendidos da arte, como do publico que affluia á exposição na Academia d'aquelles magnificos quadros *ressuscitados*, effusivo e justo applauso.

N'essa mesma occasião e lugar era exposto á venda um notavel livro, devido á penna do critico de arte sr. dr. José de Figueirêdo, admiravel monographia illustrada, (a que n'outro lugar do OCCIDENTE se faz especial menção), tratando proficientemente d'aquellas bellas pinturas portuguezas do seculo xv e do seu auctor Nuno Gonçalves, artista de hora avante considerado um dos mais notaveis pintores da sua época; com a devida vénia transcrevemos da obra do sr. dr. Figueirêdo, algumas passagens referentes aquelle nosso grande pintor quatuorcentista.

O nosso antigo collaborador sr. J. Ribeiro Christino encarregou-se da noticia dos painéis de S. Vicente, tarefa justificada pela sua competencia em arte, assumpta de arte, comprovada pelo seu util e interessante livro dos *Elementos da Historia da Arte*, que tão geral applauso mereceu, como o OCCIDENTE ha tempo consignou.



LUCIANO FREIRE

Publicamos tambem a reproducção em photographuras de alguns dos painéis, cedidas obsequiosamente pelo sr. dr. José de Figueirêdo, para que os nossos leitores, que não tiveram o goso espiritual de ver os originaes, possam avaliar este extraordinario successo artistico, que põe em evi-



DR. JOSÉ DE FIGUEIRÊDO

dencia o transcendente facto de authenticar por uma forma irrefutavel a existencia de uma adeantada escola de pintura portugueza primitiva, no meiado do seculo xv.

Excerptos do livro *O Pintor Nuno Gonçalves*, por José de Figueirêdo:

«Vejamos agora quem era Nuno Gonçalves, ou, antes, o que se conhece da vida d'este artista.

Que se saiba, foi Francisco de Hollanda o escriptor que primeiro se referiu ao auctor dos quadros de S. Vicente. Nomeia-o duas vezes, na sua obra *Da Pintura Antigua*, constituida por dois livros, e existente na Bibliotheca Real de Madrid.

E', portanto, o testemunho quasi de um contemporaneo, pois Nuno Gonçalves ainda vivia e trabalhava em 1471 e Hollanda concluiu estes dois livros, um em 1548, o outro, no começo de 1549. Hollanda, que, de regresso da Italia, e com uma grande illustração, mas sem o estofo de um grande artista, chega, sobretudo, com o espirito cheio de regras e preceitos e não comprehende o encanto da nossa escola de pintura de então, ainda hoje admiravel, precisamente pelo seu naturalismo vitalisador e pela consequente desobediencia ás formulas que foram a causa da decadencia da arte italiana da Renascença, deante dos quadros de Nuno Gonçalves, teve, apesar d'isso, um momento de espanto pela grandeza do seu valor, e, sem hesitação, elle que tudo condemna, inclue o seu auctor na sua *Tavoa dos famosos pintores modernos a que elles chamam aguias*. E' o 18.º e o ultimo d'uma lista que abre com Miguel Angelo e de que fazem parte, nem mais nem menos, do que Leonardo de Vinci, Raphael d'Urbino, Ticiano, Mantegna, Matsys, Beruguete e mestre Giacomo, pintor italiano ao serviço do Rei D. João, de boa memoria.

Ahi, n'essa referencia, que vem quasi no fim

do livro segundo *Da Pintura Antigua*, não nos dá Hollanda o nome do pintor. Indica-o simplesmente como «o pintor portuguez que pintou o altar de S. Vicente de Lisboa». Essa indicação é, porém, esclarecida com outra, em que Hollanda, na mesma obra, nos diz o nome do artista portuguez que tanto o entusiasmou. «Quero fazer menção de hum Pintor Portuguez que merece memoria, pois em tempo meio barbaro quiz imitar n'alguma maneira o cuidado e a descripção dos antigos Italianos Pintores; e este foi Nuno Gonçalves, Pintor de el-rei D. Affonso, que pintou na Sé de Lisboa o altar de S. Vicente, e creio que tambem he da sua mão hum Senhor atado á columna, que dous homens estão açoutando, em huma capella do mosteiro da Trindade, etc.»

Posteriormente, porém, a Raczyński, os documentos publicados pelo sr. Sousa Viterbo, na 1.ª serie da sua *Noticia sobre alguns pintores portuguezes* (pag. 88 e 89), acabaram com as duvidas sobre o reinado em que viveu e trabalhou Nuno Gonçalves e lançaram mais luz sobre a vida d'este artista. Por esses documentos, vê-se que Nuno Gonçalves foi nomeado em 20 de julho de 1450 pintor de D. Affonso V (*transcripção do documento da Torre do Tombo*). E embora a redacção d'esse documento pareça dar a entender que Nuno Gonçalves já tinha anteriormente exercido as mesmas funcções, pois, n'elle, se diz expressamente: «e filhammollo ora novamente por nosso pintor», não podemos só por isto chegar a essa conclusão, por a palavra «novamente» ser empregada com frequencia em documentos da epocha sem essa significação. O ordenado annual, que lhe era arbitrado por esta carta regia, montava a 12:000 reaes brancos, pagos mensalmente, «a rrazom de mill reaes cada mes».

A equivalencia de valores da moeda do seculo xv e da primeira metade do seculo xvi com a moeda dos meados do seculo passado, feita pelo sr. Costa Lobo, no seu livro já por nós citado, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*, permite-nos, pela comparação dos varios ordenados da epocha ali indicados ou respigados por nós em outros logares, ver como, á face dos documentos que acabamos de reproduzir, a obra de Nuno Gonçalves era largamente paga.

Assim, pondo de parte a cifra, certamente bastante maior, a que se elevou o seu ordenado em 1471, pois, não sabendo quanto é que João Anes tinha para «mantimento», não podemos averiguar qual o accrescimento que, n'esse anno, teve o ordenado de Nuno Gonçalves, limitar-nos-hemos ao que era pago em 1452 a este pintor. N'esta data além de uma peça de panno fino, recebia Nuno Gonçalves, annualmente, 15:432 reaes brancos, ou seja (feita a conversão para moeda d'hoje) 28485 réis por dia, e 9078025 réis por anno, o que, mesmo comparado com os ordenados modernos, não seria ainda mesquinho.

Como, porém, o ordenado de Nuno Gonçalves nos apparece em toda a sua grandeza, é comparando-o com as tenças e ordenados de outras individualidades de categoria, da epocha.

Em dinheiro de hoje, um lente de medicina da Universidade recebia só, em 1494, 2948000, sendo, pela mesma equivalencia, em 1489 de 3458000 réis a tença do famoso piloto Diogo Cam.

Eis o que de positivo se pode apurar sob o ponto de vista documental.

Da sua vida particular, da sua familia, da terra da sua naturalidade, se era alegre ou misanthropo, concentrado ou expansivo, nada se sabe.

Presume-se apenas, pelo que a tradição vagamente refere e, sobretudo, pelo que a sua obra revela, que foi um sedentario, amando certamente, acima de tudo, a sua officina e o seu paiz, de onde probabilissimamente não sahio nunca; presumindo-se ainda pela carta que D. Affonso V escreveu a Azurara e a que já atraz nos referimos, que Nuno Gonçalves, tal qual o mostram, de resto, os quadros de S. Vicente, era esculpulosissimo na factura da sua obra, trabalhando, por assim dizer, só com o modelo á vista.

Mas, se tudo isto são apenas meras conjecturas, e é realmente lastimavel não se saber com quem aprendeu Nuno Gonçalves e ignorarem-se outros promenores da sua vida de pintor, a sua figura de artista não deixa, contudo, de mostrar-se ainda assim com relativa nitidez. A obra d'arte, quando feita com sinceridade e por um artista superior, tem este privilegio: dá corpo aos personagens que o pintor ou esculptor plasticizou e diz-nos, com não menor fidelidade, muito do modo de ser do seu auctor.

Já atraz vimos como suppomos que o artista

O NOVO MINISTERIO



CONSELHEIRO ANSELMO DE ANDRADE
Ministro da Fazenda



CONSELHEIRO ANTONIO TEIXEIRA DE SOUSA
Presidente do Conselho e Ministro do Reino



CONSELHEIRO DR. MANUEL FRATEL
Ministro da Justiça



CONSELHEIRO JOSÉ DE AZEVEDO
Ministro dos Estrangeiros



GENERAL RAPOSO BOTELHO
Ministro da Guerra



CONSELHEIRO DR. MARNOÇO E SOUSA
Ministro da Marinha e Ultramar

nos deixou a sua imagem n'essa admiravel cabeça que, no ultimo plano do «painel do Infante», olha fixamente o espectador do canto, que, n'essa taboa, faz face ao occupado pelos «homens» de Sagres. Mas, seja ou não essa a sua mascara (que, sendo a de Nuno Gonçalves, foi talvez feita a um d'esses rarissimos espelhos *fendis* da epocha), tanto ou mais do que ella e ainda do que o seu olhar penetrante, nos falam sem duvida do pintor e do seu temperamento as outras que o seu pincel tão magistralmente fixou. Nuno Gonçalves vê a realidade em todo o seu valor; mas, como todos os grandes artistas, vê-a tanto com os olhos do rosto como com os da alma, e, por isso, com a mesma individualidade com que reivindica para si a factura dos quadros, marcando-os com a sua rubrica indelevel (1), deixa também (embora inconscientemente e sem em nada alterar a realidade que a sua retina dissecou) impresso em cada uma das figuras que vae reproduzindo o seu proprio modo de ser.

E isto sem, de fôrma alguma, se esquecerem os documentos da Chancellaria de D. Affonso V, que acima reproduzimos, os quaes, só por si, dizem mais sobre o pintor e a alta cultura artistica

(1) Referencia á rubrica *G* encontrada no painel do Infante, na bota do pé direito do retrato de D. Affonso V.

(Nota da Redacção.)



CONSELHEIRO PEREIRA DOS SANTOS
Ministro das Obras Publicas

do meio em que elle vivia, e ainda do Rei que o protegeu, do que poderiam, de certo, dizer-nos muitos outros informes, de um caracter mais intimo e particular.»

CAP. III, PARTE I.



A adoração de S. Vicente

Pinturas de Nuno Gonçalves — Seculo XV

Numerosas pessoas concorreram nos primeiros dias de maio, ás salas de exposição da Academia Real de Bellas Artes, a admirar os formosos paineis primitivos, feitos pelo portuguez Nuno Gonçalves, artista que se sabia, por antigos escriptores, ter existido no meiado do seculo xv, mas do qual não havia conhecimento até agora de obra alguma, entre a abundante pintura chamada *gótica*; modernamente porém, mercê de um conjunto de afortunadas circumstancias, veio a lume, n'este principio do seculo xx, uma, e de certo a mais valiosa obra d'aquelle antigo e desde agora notavel pintor portuguez.

Constitue o assumpto dos seis paineis a *Adoração de S. Vicente*, feitos, sabe-se agora, por encomenda do rei D. Affonso V, ao seu pintor pre-

Os Quadros de S. Vicente—Pinturas de Nuno Gonçalves



PAINEL DOS FRADES



PAINEL DO INFANTE



PAINEL DA RELIQUIA



PAINEL DOS PESCADORES



PAINEL DO ARCEBISPO
PERTENCENTES AO PATRIARCADO



PAINEL DOS CAVALEIROS

dilecto, (pois mais de vinte artistas d'essa bella arte então aqui existiam), para os painéis serem colocados no altar do santo na Sé de Lisboa, altar começado a construir no reinado de D. João I; esta ordenação régia justifica-se pelo já então antigo culto dedicado em Portugal ao diácono valenciano, martyrisado na época do imperador Diocleciano, e cujos restos mortaes, segundo a tradição, vieram n'uma náve dar a Sagres, figurando por isso, como é sabido, um galeão e dois corvos na bandeira da cidade de Lisboa.

Agora n'esta recente exposição a todos maravilhou estes admiráveis painéis, em que, após um difficilimo e longo restauro, se vêem de novo notabilizados, tanto pelo vigor e harmonia do colorido dos traços, como principalmente pela correção do desenho e modelado das phisionomias de sessenta cabeças das variadissimas personagens, symbolizando o Clero, a Nobreza e o Povo portuguez medieval, representadas em adoração ao santo padroeiro de Lisboa.

Ao vel-os, dir-se-hia que estes esplendidos painéis, constituem como que uma réplica, aos formosissimos quadros, que formam a *Adoração do Cordeiro immaculado*, a obra prima dos gloriosos irmãos Van Eyck, que os pintaram para o altar mór da igreja de S. Bavon, na cidade de Gand, primôres de arte, hoje em parte dispersos por varios museus da Europa central, e dos quaes decerto Nuno Gonçalves não teria conhecimento.

Os preciosos quadros portuguezes, que hoje se admiram no seu esplendor artistico, estiveram não só esquecidos no Paço patriarchal de S. Vicente, onde ha perto de dois séculos existiam, mas estavam perdidos sob desastrosos restauros e péssimos envernissamentos, feitos em épocas remotas, que toldaram geralmente as pinturas de uma cor castanha escura, mal deixando divisar o que de notavel n'elles existia.

Um artista moderno o illustre pintor sr. Columbano Bordallo Pinheiro, visitando ha annos o Paço, notou que alguma cousa de valioso como pintura de retratos, havia n'aquellas abandonadas tabuas, que ali viu, chamando para tal a atenção de varias pessoas; outros artistas e criticos de arte lá fóram igualmente mais tarde e assim o julgaram também, e conseguiu-se afinal que aquellas tabuas de rigido e magnifico carvalho deixassem de ser utilizadas pelos operarios nas obras do Paço e que fôsse colocadas ao longo das paredes de um dos corredores de S. Vicente, para melhor serem observadas.

Mais recentemente foi então que outro distinto artista pintor e professor da Academia sr. Luciano Freire, que já se distinguira brilhantemente n'alguns restauros de velhas e excellentes pinturas, se encarregasse, gratuitamente, do tratamento d'aquelles sumidos e antiquissimos quadros do patriarchado; para o mesmo fim também um benemerito amator de arte o sr. Visconde dos Olivares e de Penha Longa, garantiu o pagamento das necessarias despesas materiaes do restauro, ainda além d'estes, um terceiro, o erudito critico de arte sr. José de Figueirêdo entregou-se á investigação documental d'aquellas pinturas primitivas, que desde principio poude attribuir ao quatrocentista Nuno Gonçalves, do estudo d'esse pintor, comprovando proficentemente o seu logar de destaque na pintura primitiva portugueza; produzindo por ultimo uma recente monographia intitulada «O Pintor Nuno Gonçalves», adornada de primorosas photographuras, reprodução de conjunctos e de fragmentos dos painéis, antes e depois de beneficiados, trabalho de larga erudição historica e de opiniões bem deduzidas, tendo um aspecto gráfico em nada inferior aos similares no estrangeiro.

Contada assim a traços largos a forma como se conseguiu salvar de eterno olvido, documentos de arte tão importantes para a sua historia em Portugal e mesmo para a historia geral da Arte e como poderam ser apresentados ante o publico, que se tem estagiado por tão subidos primôres; dirêmos ainda algumas palavras ácerca d'estes magnificos painéis quatrocentistas, produzidos proximo a 1460, encarando-os sob diversos aspectos do seu enorme valor, quer sejam como quadros historicos, quer como valiosissimo documento indumentário, quer como valor intrinseco de magistral pintura da sua época, ou ainda como valioso subsidio para a historia dos primitivos, denominação dada aos mais antigos pintores a partir dos fins da Edade Média.

Seis são os retábulos da série de S. Vicente, como os denominou o illustre critico de arte sr. Joaquim de Vasconcellos, que constituem como dissêmos o assumpto da *Adoração de S. Vicente*, santo que se vê repetido duas vezes nos dois painéis mais largos.

Esses seis painéis são denominados respectiva-

mente, os maiores, *Painel do Infante* e *Painel do Arcebispo* e os menores ou mais estreitos, *Painel dos Cavalleiros*, *Painel dos Pescadores*, *Painel dos Frades* e *Painel da Reliquia* e n'elles figuram em grandeza natural os retratos do arcebispo de Lisboa D. Affonso Nogueira e de varias dignidades ecclesiasticas da Sé n'essa época; o Infante D. Henrique, este absolutamente autenticado, o rei D. Affonso V, a rainha D. Isabel, o principe D. João, que depois foi o grande rei D. João II, a duquesa de Coimbra, viuva do bom e infelizmente regente D. Pedro, e ainda talvez o chronista Azurara, o conde de Barcellos e duque de Bragança entre outros fidalgos e cavalleiros.

Os frades de algumas ordens religiosas agrupam-se separadamente n'um painel, assim como n'outro figuram os pescadores de Lagos, envolvidos na rede de pesca, vendo-se um d'elles resando de bruços, n'um escoreço de difficil realisação, difficuldade grande para a época e que patenteia a maestria do pintor.

No painel da reliquia do santo, que um personagem ajoelhado vestido de vermelho, apresenta sob um panno de seda verde, assiste também um judeu! então aliás ainda estimados na corte portugueza, o qual sustenta um livro aberto e que é reconhecivel pela estrella de seis pontas bordada no fato, como era uso medieval; ainda mais atraz vê-se um pobre camponês de pelle tostada, aborreado ao seu cajado, tendo por detraz um caixão que deveria conter as reliquias de S. Vicente; varios homens do povo, os «homens do Infante», como aventa o sr. dr. Figueirêdo, de typo bem caracteristicamente nacional, como ainda hoje se encontram nas provincias do reino e nos Açores, agrupam-se ao fundo do *Painel do Infante*, estando talvez entre elles, pela semelhança que mostram entre si, os dois pintores irmãos Nuno e João Gonçalves.

Escusado é fazer ressaltar o valor historico documental de figurarem em retratos, os altos personagens da casa real de Aviz, justamente os que tanto brilho e gloria deram a Portugal, salientando-o na Historia com as descobertas maritimas de sua iniciativa, elevando-o da modesta obscuridade de um pequeno reino da península hispanica, á culminancia que teve entre as nações europeias desde a Renascença, pelo glorioso papel de descobridor de uma grande parte da Terra.

Todos os personagens vestem, como é logico, os trajes e armas da época, copiados pelo artista com extremada minucia do natural, tendo óptimo desenho, claro escuro e opulento colorido; sendo dos de maior interesse, como mais ricos de forma e de cor, os dos principes e cavalleiros, com o seu trajar á moda franceza de Borgonha, e os do clero, tornando-se de todo o ponto notavel, como um *tour-de-force* de pintura, as dalmáticas que revestem as duas figuras de S. Vicente, imitando velludo carmezim bordadas largamente a ouro, tendo as pregas do panneamento admiravelmente realisadas, com todo o effeito de luz e de sombra; de equal modo as armaduras, espadas e lanças são copiadas realisticamente, o que dá aos soberbos painéis de Nuno Gonçalves, um alto valor indumentário, para o estudo do trajar portuguez d'aquella época, principios da segunda metade do seculo xv.

São maravilha de perfeição e até de técnica, que parece de arte mais recente, os variados e naturalissimos rostos de muitos dos personagens deixando transparecer nas phisionomias, cheias de religiosidade, a enternecida veneração pelo seu santo predilecto, sendo em geral modelados com grande estudo, especializando-se o retrato do rei, uma gentil e nobre figura, de perfil, o do Infante, com um aspecto menos duro, que o que se conhece da illuminura da chronica de Azurara, e ainda os populares e os frades realisados com extraordinaria verdade.

N'estes painéis nota-se também além de estilamento nos cabellos, a perspectiva, na época mal conhecida ainda e alguma das figuras principalmente a da rainha e os cavalleiros do *Painel do Arcebispo* tem uma rigidez de attitudes, e de mãos, que lembram illuminuras em ponto grande, como se fôsse ampliação de pinturas de antigos livros góticos, defeitos estes que não fazem senão integrar as pinturas de Nuno Gonçalves na sua evolução historica; em contrario notam-se outras figuras, como no *Painel dos Cavalleiros*, que parecem mais modernas e como pintadas por algum dos mestres da segunda Renascença.

Em conjuncto são pelo visto estes painéis, valiosos modelos para estudo, quer de desenho, quer de opulento e harmonioso colorido, que deslumbra, pelo vigor e contraste das tintas, que parecem terem sido agora acabados de pintar,

apesar dos quasi cinco séculos que já contam, particularidade esta que ostentam egualmente os quadros dos grandes mestres primitivos da escola flamenga.

Cabe aqui contar, além de outras particularidades do surprehendente restauro, uma observação que fizemos durante aquella exposição, o de cuidarem numerosos visitantes, que o tratamento dos painéis feito pelo sr. Freire, fóra até ao ponto de *avivar* o colorido dos retábulos; tão fresco e brilhante elle é; quando afinal o que o benemerito artista se limitou a fazer, com uma paciência de beneditino e um extraordinario cuidado e carinho empregados durante seis mezes, foi fazer desaparecer com reagentes as camadas de mãos vernizes e de tintas, que desastrosos restauradores lhe apozaram em varias épocas, até que a pintura de Nuno Gonçalves foi posta a descoberto em todo o seu vigor e bellêza, mercê, diga-se, da extraordinaria rigidez como procelana, que os séculos deram ás tintas primitivas e da excellent qualidade e bom estado da madeira de carvalho, que fórmam os maravilhosos painéis, verdadeiras reliquias de arte.

Observarêmos ainda que em varios pequenos pontos a tinta cahiu, deixando a descoberto a madeira, com a curiosidade de não terem os quadros qualquer preparo de cré e colla e terem sido previamente antes da pintura, desenhados a traços de penna, o que o sr. Freire n'um ponto do *Painel dos Frades*, deixou á vista para estudo do processo, restaurando todas as demais faltas e pintando-as, propositadamente, com aproximação do tom local, para se conhecer onde existiam as falhas, o que só muito de perto se consegue verificar.

Egualmente no *Painel dos Pescadores*, deixou este artista uma pequena tira da negra *patine*, que obscurecia totalmente os quadros, como as photographias tiradas antes do tratamento demonstram.

Resta ainda rapidamente salientar o valôr, que para a historia da arte portugueza apresentam as admiráveis pinturas de Nuno Gonçalves, que tem o condão de virem terminar de vez, com a sédica questão da proveniencia da maioria dos quadros góticos existentes em Portugal.

Durante annos gastou-se muita tinta... de escrever, a questionar se essas pinturas, pela analogia de colorido e delicadeza de toque, seriam flamengas, dada as relações do reino com a Flandres e a estada aqui do famoso João Van Eyck no reinado de D. João I, e outros artistas d'aquella nacionalidade, ou se seriam antes de artistas portuguezes, aliás seguidôres de Van Eyck, e sua escola, dado o typo phisionómico portuguez bem caracterizado, que se observa na quasi totalidade dos rostos das figuras dos nossos quadros góticos.

A documentação moderna, depois dos estudos do professor dr. Aragão, afirmou de vez, a existencia do quinhentista Vasco Fernandes, o famoso Grão Vasco, author dos admiráveis quadros da Sé de Vizeu, entre os quaes o famigerado *S. Pedro*, mas não havia até agora intermediário autenticado, que estabelecesse a evolução entre a pintura gótica archaica portugueza e o apogeu que ella teve no reinado de D. Manuel I e de que o cônego Estêvão Gonçalves Netto e o Grão Vasco fóram os artistas mais culminantes.

Deante porém dos painéis de Nuno Gonçalves um dos quaes, o do Infante, está assignado com um monograma *G V* conjugados, pintado na bota do rei, e dados os esclarecimentos historicos que o sr. dr. Figueirêdo conseguiu encontrar, toda a duvida que ainda poderia haver da existencia de uma adeantada escola de pintura portugueza de primitivos, a partir do começo do seculo xv e mesmo talvez dos fins do seculo xiv, como as pinturas que existiram nas capelas dos tumulos da Batalha comprovam, de todo desaparece; é ella então já de tal modo adeantada, que apesar de quasi meio século anterior ás pinturas da época manuelina, manifesta-se, n'este caso dos painéis de Nuno Gonçalves, tão perfeita, que em pontos ultrapassa os primôres de Vasco Fernandes, embora n'outros o archaismo gótico ainda se manifeste, como referimos, o que não faz senão confirmar a natural evolução.

Quando os quadros de Nuno Gonçalves, mercê da magnifica monographia do sr. dr. Figueirêdo, fórem conhecidos nos centros de arte do estrangeiro, decerto causarão surpresa e mais um capitulo se terá de inscrever na historia da arte, o da inclusão da arte primitiva portugueza, com caracter proprio, embora não isenta de influencias externas da arte flamenga e até florentina dos *giottistas*, pois sabe-se como comprova o sr. dr. Figueirêdo, que um, o pintor António Florentim, esteve também em Portugal a convite do rei

D. João I, e do qual a critica julga tambem reconhecer influencia na obra prima de Nuno Gonçalves.

Estas influencias extranhas, reconhecidas n'este e n'outros quadros da arte portugueza, a critica de arte aponta-as sempre em todos os tempos nas bellas artes dos mais diversos povos e assim, como a sciencia demonstra, que a natureza não faz saltos, dando-se sempre natural evolução, a arte, um elevado producto da mentalidade humana, tambem não apparece expontaneamente n'um determinado povo, sem terem havido algumas influencias extranhas, que a ajudem a desenvolver-se.

Em artigo de maior desenvolvimento poderíamos citar muitos d'esses factos, começando logo por lembrar a influencia que a arte egypcia e assyriaca, tiveram nos primórdios da arte grega, depois tornada a mais sublime de todos os tempos: identicamente a decadencia da arte clássica em Byzancio, foi modificada pela influencia que lhe imprimiu a arte oriental persa.

No caso restrito dos painéis de Nuno Gonçalves, vê-se que o grande talento do pintor sobreleva a essas influencias notadas, pela forma soberba como soube caracterisar as suas figuras, produzindo uma serie de variadas mascaras, que não só deveriam ser muito semelhantes aos personagens retratados, tal é o caracter que lhe imprimiu o artista, mas n'ellas, especialmente nos maritimos e populares, transparece a psychologia da gente portugueza, que desde os desaparecidos lusitânos se tem distinguido pela indole a um tempo enérgica e sentimental.

Esta superior qualidade de retratista psychólogo, manifesta tel-a possuido Nuno Gonçalves, observando-se nos painéis como elle soube, n'aquella distancada época, traduzir pela pintura as personalidades de diversa ordem social, que figuram nos painéis e que constituem a série sacra e histórica da *Adoração de S. Vicente*.

Provam tambem ainda estes famosos painéis, como os portuguezes da seculo xv, em vez da rudeza e negação artistica, que varios authores apregoavam ter existido, tinham ao contrario n'essa antiga época, bastante gosto artistico, não inferior ao de outros povos de adeantada civilização, o que aliás os tumulos de Alcobaca e o Mosteiro da Batalha se vão encarregando de confirmar atravez do tempo e agora se comprova brillantemente tambem, que em pintura, como Nuno Gonçalves a executava, não era menos adiantada essa bella arte n'aquelle reinado de D. Affonso V, rei que além de cavalleiro Africano, era um delicado estheta, como a encomenda dos painéis symbolicos da *Adoração de S. Vicente*, feita ao mais reputado pintor da sua corte, plenamente confirma.

Resta-nos agora desejar que regressando aquellos valiosissimos quadros primitivos ao paço de S. Vicente de Fóra, alli sejam cuidadosamente estimados, como lhes é devido, após tanto desastre e abandono, dispondo os em sala especial, com outras bellas obras de arte existentes tambem no patriarchado, como nos consta se projecta, constituindo-se assim mais um pequeno, mas notavel museu artistico, que em determinados dias podesse ser visitado por todos os que se interessam pelas superiores manifestação da Arte Christã.

RIBEIRO CHRISTINO.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1135)

Porque, se Czerny era um doido, segundo sempre julguei, e havia morto um criado em frente d'esta mulher tão boa, tão simples, e tão formosa, o que não faria elle se nos apanhasse?

A nós, que bastaria uma palavra para o fazer enfurecer e destruir todo aquelle thesouro, embora estivesse escondido no coração das rochas.

E para ali estava eu, sentado a vinte passos do seu quarto onde elle dormia descançadamente.

Ruth tinha a sua mão na minha.

Que esperanza poderíamos ter?

Não seria de estranhar que mentalmente fizéssemos esta pergunta, e ao mesmo tempo, respondéssemos que não havia nenhuma.

A propria ilha, com todos os seus sonhos de morte, era preferivel á embuscada em que tínhamos cahido.

— Miss Ruth — disse, depois de accordar dos meus sonhos — mal pensava eu, quando a vi entrar na grande cathedral de Nice ha pouco mais de um anno, que aquelle dia de alegria e de esplendor, terminaria tão mal! E' uma das alternativas d'este mundo, nem mais nem menos. Edmundo Czerny não está no seu perfeito juizo, é o que é. Algum dia virá em que o tenha de apagar da sua memoria como uma coisa passada e esquecida do livro da sua vida. Creio que elle a amava quando estava em Nice. E sendo assim, pode recobrar o juizo e voltar ao que era, dando-lhe então plena liberdade. Deve ser homem rico, bastante rico até, este Edmundo Czerny. Mas só Deus sabe como chegou a descer tanto, a ponto de se tornar um assassino e cometer tantos crimes como comette.

— Rebaixou-se até esse ponto, porque o ouro chama ouro, — volveu Ruth — Sim, é bastante rico, mais do que pensa, capitão, e apesar d'isso tem-se querido apoderar da minha fortuna. Ha perto de um mez, obrigou-me a assignar uma escriptura que punha nas suas mãos todos os meus bens. Já não lhe sirvo de nada, Jasper, absolutamente de nada. Deixou aqui a unica pessoa minha parenta que tinha mais perto. Quando voltar a Inglaterra, dir-lhe-hão que já não existo, e será verdade, Jasper, sim, será verdade...

Devia ser bem profundo o abatimento em que estava ao pronunciar estas palavras, e eu senti uma tristeza enorme ao ouvi-las. Pretender consolal-a, na situação em que me encontrava, teria sido o mesmo, que um homem prestes a afogar-se, estendesse a mão para salvar outro.

No dia seguinte, talvez o meu corpo andasse aos baldões das ondas, que ou via bramar de encontro aos rijos crystaes das clareiras, e depois... Que seria de Ruth?

Tinha já a resposta nos labios, quando do lado do mar se sentiu um tiro de peça, e Miss Ruth, dando um salto, se poz de pé, ao mesmo tempo ouviu-se a sineta de alarme tocando a rebate e todos os habitantes da casa se pozeram em movimento, percebendo-se perfeitamente os homens correndo pelas galerias. Empallidecemos então ao ouvir todo aquelle movimento, pois era notorio que algum barco tinha batido nos rochedos, e os sicarios de Czerny andavam na sua faina de bandidos.

(Continua.)

RICARDO DE SOUZA.



Empresa Nacional de Navegação

O novo vapor «Lisboa»

A Empresa Nacional de Navegação, que tão bons serviços está prestando ao commercio das nossas colonias, continúa no seu louvavel empenho de melhorar e desenvolver esses serviços, aumentando a sua já importante esquadra com

novos vapores, novos em tudo pela sua grandesa e innovações mais recentes da construção naval, cujos progressos quasi atingem o maravilhoso.

Assim é o novo vapor *Lisboa* que mandou construir em Inglaterra e que se pôde considerar hoje o primeiro navio da marinha mercante portugueza, o qual entrou no Tejo em 20 de junho findo e já seguiu viagem para a Africa Oriental, no dia 1 deste mez, carreira a que é destinado.

Pouco antes da sua partida para a Africa, foi o vapor *Lisboa* visitado no dia 23 de junho pelo srs. ministros do reino, das obras publicas e da marinha, que percorreram todas as dependencias do navio, que acharam magnificas, não poupan-do elogios á patriótica empresa que se esforça em dotar a marinha mercante da nossa praça com vapores em competencia com os melhores transatlanticos estrangeiros que fazem as carreiras da America, e onde os passageiros muitas vezes se esquecerão de que atravessam os grandes mares, taes são as comodidades que estes navios oferecem.

A imprensa foi tambem convidada a visitar o *Lisboa*, assim como outros convidados e todos foram unanimes em tecer os maiores elogios ao novo vapor, que não só apresenta as maiores comodidades aos passageiros pelas magnificas instalações de que dispõe, mas as garantias de uma boa construção naval, resistente aos mares, tendo sido dito a bordo por gente da companhia, que, apesar de terem tido grande mau na viagem de Inglaterra para Lisboa, o navio não dava o mais pequeno balanço.

Superior aos vapores *Portugal* e *Africa*, da mesma empresa, o *Lisboa*, mede 145 metros de comprimento por 18 de boca e de pontal. Desloca 7:500 toneladas, com duas potentes maquinas da força de 7:300 cavalos, tendo dado nas experiencias o andamento de 16 1/2 milhas. Tem 12 embarcações a bordo, sendo 10 salva-vidas para 600 pessoas. Para os serviços de carga e descarga possui 4 guindastes hydraulicos, o que é novidade, e 9 a vapor. Ha a bordo rede telefonica e 3 telegrafos maritimos. Tem 40 camarotes de 1.ª classe que comportam 108 passageiros; 16 de 2.ª para 70 passageiros; 18 de 3.ª que acomodam 151 passageiros. Na coberta ha beliches para 200 colonos. Duas magnificas salas de jantar da 1.ª e 2.ª classes, sala de reunião, de fumo e de café. Todas estas instalações são comodas, de bello



O NOVO VAPOR «LISBOA»

aspecto, muito claras, para o que concorre o serem envernizadas a branco, de irrepreensivel asseio e iluminadas a luz eléctrica, como todo o navio, por 710 lampadas de força de 16 a 30 vellas.

A ventilação interior é feita por 10 ventoinhas eléctricas, possuindo 3 dinamos. Tem 2 maquinas frigorificas.

Para o caso de enfermidades suspeitas a bordo, tem quatro hospitaes ou enfermarias convenientemente isoladas das mais dependencias de passageiros. E' dotado com uma grande rouparia, muito especialmente para serviço de passageiros, e abundantes serviços de louça, de vidros e de eletro-plat, para mesa.

Além das cosinhas de 1.ª e 2.ª classes, tem outra a vapor onde se pôde preparar uma refeição para mil pessoas em duas horas e meia.

O custo deste novo vapor foi de aproximadamente oitocentos contos.

Um tão bello navio na nossa marinha mercante é caso para dar parabens á Empresa Nacional de Navegação e ao commercio portuguez.

Concurso de corridas de motocicletes e automoveis em rampa

Sob a presidencia de Sua Alteza o Principe D. Affonso, realizou-se, no domingo 10 do corrente, o concurso de corridas de motocicletes e automoveis, em rampa, promovido pela Sociedade Promotora de Educação Fisica, como parte das diversões do *mez desportivo*, e sob a direcção do Real Automovel Club de Portugal.

O local escolhido para as corridas é um dos mais altos de Lisboa, o Monte da Cruz das Oliveiras, donde se disfruta um dos mais soberbos panoramas da cidade e do Tejo até fóra da barra, e isto sob o ceu de um dia esplendido, só por só constituia a mais agradável diversão, a que concorreu numerosa assistência.

As corridas, num percurso de 1:500 metros, fizeram-se de cima da Ponte Nova (rua da Fabrica da Polvora) ao Moinho da Cascalheira.

Inscritos des ciclistas, srs. Carlos Gonçalves Junior, Mario de Oliveira Beirão, Henrique Chaves, Armando Figueiredo, A. Mota Veiga, Frederico Tarquino, Guilherme Prazeres, A. Adriano Aires, Mario Beirão e José Maximo Correia; vinte e um automoveis de diversos autores, pilotados pelos srs. Henrique Chaves, José Aguiar, Carlos Maia, visconde de Pernes, Joaquim Belo de Almeida, Louis Laurencel, João B. Dotti Junior, José A. Martins Junior, A. Pimenta de Aguiar, Jorge Bleck, Carlos de Almeida Araújo, A. Beauvalet, Tito de Sousa Frick, S. L. R. Hollis, Diogo Pessanha, D. João de Lencastre, Jorge Burnay e Estevam O. Fernandes.

O resultado da corrida de motocicletes foi o seguinte:

1.ª categoria — 1.º, sr. Mario Beirão, F. N., 2 1/4 cav., em 2 m. e 35 s.

2.ª categoria — 1.º, sr. Frederico Tarquino em

F. N. 5 cav., em 2 m. e 32 s.

3.ª categoria — 1.º, sr. Maximo Correia em Peugeot 7 cav., em 6 m. e 4 s.

A corrida de automoveis deu o seguinte resultado:

1.º premio, Taça dos Sports Illustrados, sr. Estevam Fernandes, em Brasier 35 cav., em 2 m. e 2 s. 1/2.

2.º, sr. Angel Beauvalet, em Berliet 40 cav., em 2 m. e 2 s. 3/4.

3.º, sr. José de Aguiar, em Isotta Fraschini 50/65 cav., em 2 m. e 6 s. 1/2.

4.º, sr. Estevam Fernandes, em Brasier 45 cav., em 2 m. e 18 s.

5.º, sr. Jorge Bleck em Brasier, 2 m. e 20 s.

O juri compunha-se:

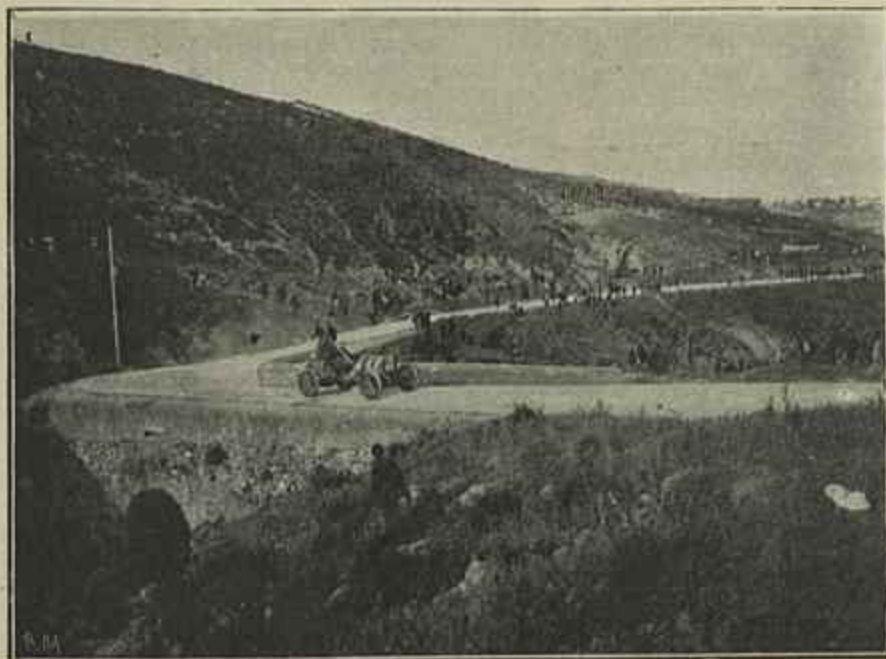
presidente, S. A. o Principe Real Sr. D. Affonso; commissarios, srs. marquês de Castelo Melhor e marquês do Faial; Suplentes, srs. Manuel Figueira Freire da Camara e dr. Fi lipe de Vilhena.

A diversão decorreu animadissima, com certa i feição aristocratica e ao mesmo tempo popular, pois que a todos interessava, sendo grande a affluencia do publico. Em palanques previamente reservados via-se grande numero de senhoras da primeira sociedade com lindas toilettes de verão, de cores alegres que davam um bello tom de festa.

Não podiaser mais satisfatorio o resultado do programa, organizado pelos srs. conselheiro Bucage, José Lino Junior, Rodrigo Peixoto, dr. Cardoso de Menezes e Carlos Calixto.



S. A. O PRINCEPE D. AFFONSO E MAIS MEMBROS DO JURY ASSISTINDO ÀS CORRIDAS



UM ASPETO DAS CORRIDAS — O AUTOMOVEIL N.º 15

GUIADO PELO SR. VISCONDE DE PERNES, DANDO A VOLTA NO PONTO DIFICIL

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

Por CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e cores, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Peço Novo — LISBOA

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa **800 réis**, capa e encadernação **1\$200 réis**